

## RODRIGO CAMBARÁ ENTRE O VOLEIRO E O GUERREIRO: CONTRASTES NA OBRA O TEMPO E O VENTO, DE ÉRICO VERRÍSSIMO

ULISSES COELHO DA SILVA<sup>1</sup>;  
JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>**FURG** – [prof.ulisses.coelho@gmail.com](mailto:prof.ulisses.coelho@gmail.com)

<sup>2</sup>**UFPEL** – [jlourique@yahoo.com.br](mailto:jlourique@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende fazer uma análise literária sob a perspectiva das teorias de Carl Jung, alicerçado nas publicações, *O Eu e o Inconsciente* (2008), *O Homem e seus Símbolos* (2008), *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2016). A finalidade é apresentar uma construção do arquétipo do gaúcho através da personagem Capitão Rodrigo Cambará e a percepção do inconsciente coletivo da cidade fictícia de Santa Fé. Para tal, considerar-se-á a adaptação da obra *O tempo e o vento* (1949) de Érico Veríssimo em minissérie de mesmo nome dirigida por Paulo José. Essa minissérie foi transmitida pela Rede Globo de televisão no ano de 1985, sesquicentenário da Revolução Farroupilha, ano em que ocorreram várias produções para relembrar esse fato histórico ocorrido no Rio Grande do Sul. Essa adaptação contempla a primeira parte da trilogia *O continente* (1949) e foi dividida em 26 capítulos. Para construir as reflexões a respeito dessa adaptação, fez-se uso da obra *Uma teoria da adaptação* (2013) de Linda Hutcheon. O texto de uma peça nem sempre fala ao ator sobre questões como gestos, expressões e tons de voz utilizados para converter as palavras da página numa performance convincente (MILLER, 1986, p. 48); o diretor e os atores são os responsáveis por efetivar o texto, por interpretá-lo e recriá-lo, de certo modo, pois, adaptando-o para o palco. No musical de teatro, a partitura também deve ser trazida à vida para o público e “mostrada” num som incorporado; ela não pode permanecer inerte com marcas pretas e sem vida num papel. Um mundo visual e auditivo é mostrado fisicamente no palco – seja numa peça, num musical, numa ópera ou em qualquer outro meio performativo –, criado a partir de signos verbais e notacionais na página. (HUTCHEON, 2013, p. 68)

Por isso, foram percebidas algumas adaptações em diálogos – que foram analisados nesta pesquisa – mas que não alteram a mensagem final, tampouco prejudicam o entendimento do telespectador.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa é bibliográfica com o intuito de analisar como a comunidade de Santa Fé percebeu a personagem Capitão Rodrigo e como ela respondeu a esse imaginário coletivo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há um pensamento compartilhado por alguns membros da comunidade de Santa Fé que pode ser resumida na frase da personagem Coronel Ricardo Amaral “Sempre desconfiei de homem que toca violão.” (*O tempo e o vento*, 1985, episódio

2) Esse tipo de pensamento coletivo de uma comunidade é denominado por Jung de inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. (...) Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. (JUNG, 2016, p. 73)

Capitão Rodrigo, entre muitas características que afrontam com o imaginário coletivo do povoado, destaca-se o fato dele tocar violão “Tinha um violão a tiracolo;” (VERÍSSIMO, 2010, p.1), pois no século XIX portar um violão, não apenas no povoado de Santa Fé, mas no Brasil inteiro, era símbolo de desordem, conforme Flavia Prando em seu artigo “O Violão e a ordem pública: censura e controle social (São Paulo 1890-1932)”.

O violão, ao longo da história brasileira, ocupou um lugar ambíguo entre a aceitação e a marginalização. Na virada do séc. XIX para o XX, o instrumento passou a ser associado a práticas populares que colidiam com os ideais de ordem e progresso promovidos pela modernização urbana. A imprensa e as políticas públicas ajudaram a construir uma imagem do violão como símbolo de desordem, resultando em mecanismos de censura e controle social que restringiram sua circulação. (PRANDO, 2025, p. 2)

Esse violão também serve de contraponto ao homem forjado pelas guerras. Embora Capitão Rodrigo seja o homem das “peleias”, ele é a única personagem da narrativa que tem relação com a literatura, pois com seu violão, ele cria e reproduz a lírica através da canção. Além disso, ressalta-se que é com esse mesmo violão que Rodrigo se aproxima das pessoas marginalizadas de Santa Fé, e faz com que constitua amizades e vínculos afetivos. Ainda segundo Flavia Prando, “O violão transitava por diferentes redes sociais, sendo praticado por músicos negros, imigrantes, trabalhadores informais e outros sujeitos que, em muitos casos, estavam à margem das esferas institucionais de produção musical.” (PRANDO, 2025, p. 3) Ou seja, o violão era um instrumento musical utilizado pela parcela marginalizada da sociedade.

Outro aspecto relevante nesse contexto, é que um homem capaz de empunhar uma espada num duelo e também dedilhar um instrumento desafia as classificações mais superficiais. Jung, ao falar sobre o conceito de persona, fala sobre pessoas que exercem mais de uma função social:

A sociedade espera e tem que esperar de todo indivíduo o melhor desempenho possível da tarefa a ele conferida; assim, um sacerdote não só deve executar, objetivamente, as funções do seu cargo, como também desempenhá-las, sem vacilar a qualquer hora e em todas as circunstâncias. Esta exigência da sociedade é uma espécie de garantia: cada um deve ocupar o lugar que lhe corresponde, um como sapateiro, outro como poeta. Não se espera que alguém seja ambas as coisas. Nem é aconselhável que o seja, pois seria estranho demais para os outros. Tal indivíduo, por ser “diferente”, suscitaria a desconfiança. (JUNG, 2008, p. 79) Essa dupla persona de Rodrigo, o Capitão e também o violeiro contrasta com o imaginário social coletivo.

O preconceito com o violão fica evidente no diálogo entre Rodrigo e Ricardo Amaral,

Santa Fé é terra de gente trabalhadeira, eu sempre desconfiei de quem toca violão.  
(Ricardo Amaral)

Conheço muito patife que não toca violão. (Capitão Rodrigo)  
(PAULO JOSÉ, *O tempo e o vento*, 1985, episódio 11)

Essa relação entre o Ricardo e Rodrigo é de antagonismo, então reforçar as desavenças entre eles é um recurso usado também na adaptação para que fique evidente ao telespectador essa inimizade.

#### 4. CONCLUSÕES

A personagem Capitão Rodrigo Cambará remete a uma figura que está presente no inconsciente coletivo do Rio Grande do Sul, desde o início do processo de exploração de espanhóis e portugueses por esse território. O arquétipo do gaúcho valente é encontrado em outras obras literárias antecedentes, como o próprio *Martin Fierro* (1872) de José Hernandez. Na literatura sul-riograndense, esse arquétipo também ficou conhecido como o “centauro dos pampas” ou “Monarca das coxilhas” e está presente na literatura sul-riograndense desde a época do Partenon literário.

O Capitão atende aos requisitos deste arquétipo. Inclusive, Rodrigo aparenta aceitá-lo, sem maiores questionamentos, pois em dois diálogos distintos com figuras de autoridade no povoado de Santa Fé, uma vez com o Padre Lara e outra com o Coronel Ricardo Amaral, Rodrigo se coloca como alguém que é refém da sua própria condição, ao dizer “eu nasci assim.” Segue o trecho do diálogo na adaptação para as telas de 1985, ambos no episódio 11,

E quem é que disse a ele que vou fazer barulho? (Capitão Rodrigo)  
Está vendo só, olha o barulho. Vosmecê tem sangue quente. (Padre Lara)  
E o que é que eu vou fazer? Eu nasci assim e já estou velho pra mudar. (Capitão Rodrigo)  
/.../  
\_Vosmecê tem um jeito de olhar que faz ferver o sangue da gente. (Ricardo Amaral)  
Não tenho culpa. Nasci assim. (Capitão Rodrigo)  
(PAULO JOSÉ, *O tempo e o vento*, 1985, episódio 11)

Essa aceitação passiva pode ser interpretada ao viés de Jung como uma negação do processo de individuação, pois para Jung, a individuação é justamente o processo de integrar e lidar com as partes. A individuação exige confrontar e integrar essas partes. Por conseguinte, o indivíduo que incorporar a priori e inconscientemente a psique coletiva preexistente, a seu próprio patrimônio ontogenético, como se a primeira fosse parte deste último, estenderá de modo ilegítimo os limites de sua personalidade, com as consequências correspondentes. (JUNG, 2008, p. 33)

Essa aceitação desse arquétipo que, embora o afirme socialmente dentro da cultura de Santa Fé, também o coloca em rota de colisão com seu bem-estar e sobrevivência.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução: André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Tradução: Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Tradução: Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução: Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2016.
- O TEMPO e o vento. Direção de Jayme Monjardim. Roteiro de Doc Comparato, baseado na obra de Érico Veríssimo. Rio de Janeiro: TV Globo, 1985. 26 episódios. Minissérie.
- PRANDO, Flavia. O violão e a ordem pública: censura e controle social (São Paulo 1890-1932). *Per Musi*, [S. I.], n. 25, 2025. Universidade de São Paulo; Sesc São Paulo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pm/a/ZKDSXdr9PRPmwZJZRzq5fqq/>. Acesso em: 14 ago. 2025.
- VERÍSSIMO, Érico. *Um certo Capitão Rodrigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.